

A dinâmica da vida cristã

- Faça as leituras bíblicas indicadas para a semana: examine quais as ocasiões que Jesus orou. Estude as parábolas sobre a oração.
- Tenha o seu momento de oração com Deus. Busque a direção e o poder do Espírito Santo para sua vida e a Igreja.
- Leia o capítulo duas vezes. Na segunda leitura, sublinhe aquilo que lhe parece ser o mais importante.
- Procure pensar e responder às questões que surgem dentro dos quadros.

Esboço

- 1 — Características do livro de Lucas.
- 2 — Ocasões em que Jesus orou e falou sobre a oração:
 - a) Orou em momentos de decisão
 - b) Orou em momentos de luta
 - c) Orou antes de escolher seus discípulos
 - d) Orou no momento da revelação da verdade a respeito de si
 - e) Orou diante da morte
- 3 — Por sua vida de oração levou outros a buscarem também oração para seu viver.
- 4 — Pela oração nos unimos com uma grande multidão de testemunhas de Cristo, dela recebendo ânimo e força para a realização da missão.
- 5 — Jesus orou pelos seus amigos.
- 6 — Duas parábolas sobre oração, contadas por Jesus.

Leia em sua Bíblia durante a semana

- Ocasões em que Jesus orou:
 Lucas 3.21; 5.16; 6.12; 9.18;
 Lucas 9.29; 11.1; 23.34; 23.46.
- Parábola sobre a oração: Lucas 11.5-8; 18.1-8.
- A oração dos discípulos: Lucas 11.2-4.

Quando um autor tem à sua disposição mais material do que o que ele pode usar, nada nos pode dar uma descrição mais adequada a seu respeito que a análise do material que ele escolheu incluir no seu livro, e do que ele decidiu omitir.

Foi isso exatamente o que aconteceu com Lucas, como foi também o que deve ter sucedido com muitos dos escritores do passado. Lucas escreveu antes da época do papel, da imprensa e do livro. Em seus dias os livros eram escritos em papiro, que

era uma substância feita da polpa do caule do papiro. A polpa era cortada em tiras e depois comprimida, dando a aparência de papel pardo. Em seguida era preparada em folhas medindo cerca de 25,5 cm x 20 cm. Não era um material barato; o papiro mais barato custava cerca de Cr\$ 0,60 a Cr\$ 1,50 a folha, e o de melhor qualidade chegava a custar Cr\$ 2,50 a folha. Sendo uma substância tão dispendiosa, os escritores a usavam tão economicamente quanto possível. Quando Lucas escreveu o seu

evangelho, os livros não tinham ainda o formato que têm atualmente. As folhas eram unidas uma à outra formando assim uma tira bastante longa, na qual se escrevia em colunas estreitas com cerca de 6 cms. A tira era então enrolada, formando assim um rolo. Quando se lia do rolo, o mesmo era segurado na mão esquerda e desenrolado com a mão direita; ao término da leitura, era enrolado novamente com a mão esquerda. Obviamente o rolo de papiro era de difícil manuseio; e assim o tamanho máximo do rolo utilizável tinha cerca de nove metros de comprimento. Hoje em dia o livro pode ser ampliado a quase qualquer tamanho; a imprensa e o papel são, comparativamente falando, baratos; porém não foi senão no décimo século que o papel surgiu no Ocidente e somente no décimo quinto século é que a imprensa foi inventada. Portanto, um escritor como Lucas, estava estritamente limitado, tanto pelo preço como pelo formato de seu material. Por vias de necessidade ele precisava selecionar; e aquilo que ele seleciona nos mostra claramente aquilo que ele julga ser importante.

Por conseguinte, é de grande interesse notar que há sete ocasiões em que apenas Lucas, dos escritores dos evangelhos, descreve Jesus em oração. As ocasiões são: no seu batismo; antes do primeiro conflito com as autoridades judaicas; antes da escolha dos doze discípulos; antes da primeira confissão de Pedro e da predição de seus sofrimentos e morte; no Monte da Transfiguração; antes de ele ensinar seus discípulos a orar; e duas vezes na Cruz (3.21; 5.16; 6.12; 9.18; 9.29; 11.1; 23.34; 23.46). Ademais, apenas Lucas é quem nos dá as duas parábolas sobre a oração: a do amigo importuno (11.5-8) e a do juiz iníquo (18.1-8). É evidente que Lucas nos quer mostrar o lugar da oração na vida de Jesus e, portanto, o lugar da oração em nossa própria vida.

Freqüentemente Lucas nos mostra Jesus indo a um lugar solitário, ao topo de um monte para orar (5.16; 6.12; 9.28). Ele se retirava para lugares solitários, ia ao topo dos montes e ali orava. Um dia um amigo disse ao grande pregador Alexandre Whyte: "O senhor pregou hoje como se tivesse vindo diretamente de Sua presença". E Whyte respondeu suavemente: "Talvez eu tenha vindo". Jesus sempre vinha da presença de Deus para estar na presença dos homens. Ele reconhecia que, antes de defrontar as multidões, precisava estar a sós. Quando os perseguidores de Joana D'Arc lhe disse-

ram que ela estava só e que todos a haviam abandonado, ela replicou: "É melhor estar só com Deus. A sua amizade nunca me faltará, nem tão pouco os seus conselhos ou o seu amor. Com a sua força eu continuarei a ser ousada, a ser ousada e a ser ousada, até que eu morra". Jesus também reconhecia essa necessidade de estar a sós com Deus. Joana estava sempre falando a respeito de "suas vozes". O Delfim* queixou-se que ele nunca ouvira tais "vozes". A resposta de Joana foi que ele nunca ficara parado e em silêncio durante o crepúsculo, ouvindo o emocionante ecoar dos sinos pelo ar, ao entardecer, depois de serem badalados. Se tivesse feito isso, ele as teria ouvido. A única razão porque nós muitas vezes não ouvimos a voz de Deus é que não paramos para ouvir; não ficamos silenciosos e atentos, dando-lhe uma oportunidade para nos falar. Aquele que deseja falar de Cristo aos homens precisa, tal como Jesus, ouvir a Deus e para ouvi-lo, precisa estar tranqüilo e atento. Vejamos agora como é que Jesus usava a oração.

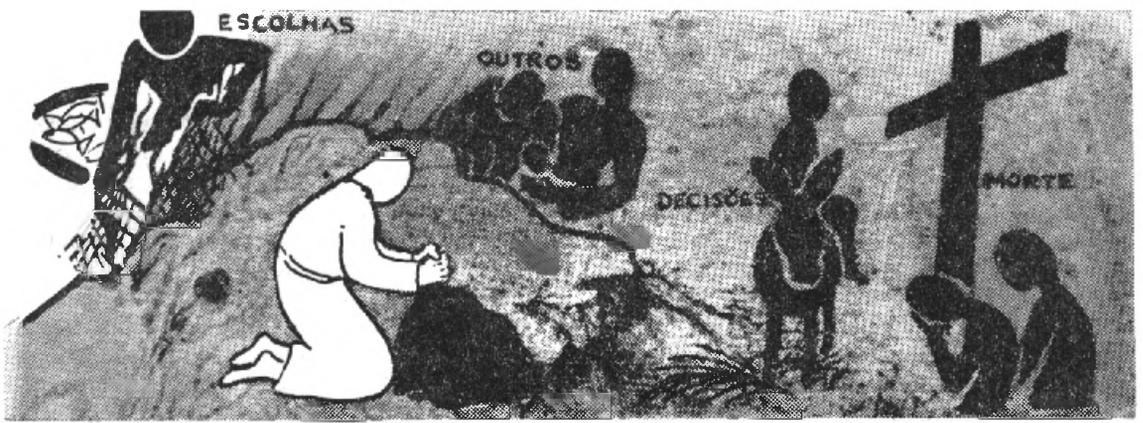
Você tem parado alguns instantes em sua vida para ouvir a Deus? Você também tem parado um pouco para ouvir aos homens? O que a oração e a comunhão com os homens significou para Jesus?

I. Ele orou no momento de decisão, pois que o batismo era para ele o momento em que decidiu que seu trabalho deveria ser iniciado (3.21). Esta deve ser também a atitude do seguidor de Jesus: que nunca faça qualquer obra sem primeiro buscar o conselho e direção de Deus. "Senhor, que queres tu que eu faça?" é a pergunta permanente do cristão (Atos 22.10).

Você tem orado em seus momentos de decisão?

II. Ele orou antes dos momentos de luta (5.16). Ele sabia que estava em um caminho que o levaria a um conflito com a sociedade estabelecida, com os líderes ortodoxos do Judaísmo, e, antes do combate, ele orou. Isso acontecerá com todos nós porque nos defrontaremos com oposições; acontecerá conosco, pois teremos a possibilidade de enfrentar conflitos. E então somente seremos aptos para diferenciar, entre alteração e debate do direito de defender

* NT: — O autor se refere ao Rei da França.



princípios e aquilo que é justo, quando colocarmos o problema diante de Deus. Aos olhos de Deus ficará bastante claro o que é regra de conduta e o que é preconceito; o que é uma discussão trivial e o direito de defender o que é justo; quando é correto lutar e quando é correto entregar tudo pacificamente. Toda convocação para o conflito deve ser posta à prova pela presença de Deus.

Quais as forças que você tem buscado em seus momentos de luta?

III. Ele orou a noite toda antes de escolher os seus homens (6.12). Seria de bom alvitre que nós orássemos a Deus antes de estabelecermos amizade e compromisso com os homens. Precisamos escolher os nossos aliados e, somente quando virmos todas as questões e todos os homens à luz de Deus, é que poderemos escolher sabiamente. Quando Charles Kingsley analisava a dinâmica de sua vida em relação à verdade e à beleza, ele a explicou lembrando-se da influência de F. D. Maurice, dizendo: “Eu tive um amigo”. Quando Robert Burns se lembrava do fracasso de sua vida, recordou-se do homem que havia conhecido em sua mocidade quando havia ido a Irvine, para aprender tecelagem, e disse: “A sua amizade me causou muito mal”. Amigos salvam e amigos arruinam — a maneira de se descobrir isso é levar as amizades, como Jesus o fez, ao veredito de Deus.

IV. Jesus orou antes do momento da verdade (9.18). Ele orou na ocasião em que perguntou aos discípulos se já haviam descoberto quem ele era, e também antes da ocasião em que ele lhes revelou claramente o que tinha diante de si, nada além do que sofrimento e morte, com a ressurreição no final de tudo (9.18-22). Ele orou naquele instante quando sabia que precisava enfrentar a verdade e ajudar outros a enfrentá-la. A visão para enfrentar a verdade, a honestidade para aceitar a verdade, a coragem

para dizer a verdade, tudo isso nos vem quando estamos na presença de Deus.

V. Ele orou na presença da morte; ele orou lá na cruz (23.34; 23.46). Ele orou pedindo perdão para os seus inimigos, pois, por mais que muitos homens pudessem odiá-lo e feri-lo, Jesus não iria a Deus sentindo rancor contra homem algum. Uma das melhores maneiras de se viver em paz com os homens é orar por eles, pois de um jeito ou outro, não podemos odiar a pessoa por quem estamos orando. A última oração de Jesus foi: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!” (23.46). Esta passagem encontra-se no Salmo 31.5, com o acréscimo da palavra Pai, e era também a oração que toda mãe judia ensinava a seu filho antes de pô-lo para dormir. Jesus morreu com uma oração de boa-noite e de confiança em seus lábios; uma oração de criança. Porém, como já vimos, às palavras do Salmo ele acrescentou a palavra Pai. Esta é a palavra que ele usou no Getsêmani (22.42) e, como Marcos nos revela, a palavra exata que ele usou foi Abba (Marcos 14.36). Esta é também a palavra com a qual podemos nos dirigir a Deus (Romanos 8.15; Gálatas 4.6). Ninguém aqui na terra já havia usado essa palavra referindo-se a Deus. Não significa apenas Pai. Era e é a palavra com a qual a criancinha judia se dirigia a seus pais no círculo familiar — é semelhante a paizinho. Foi com essa intimidade e confiança que Jesus orou, e é assim que nós devemos fazê-lo.

O que revela à Igreja verificar a intensa vida de oração que Cristo teve durante seu viver? A Igreja tem buscado a Graça de Deus para dirigir e sustentar sua missão, ou tem confiado mais naquilo que ela é ou possui?

VI. Creio podermos afirmar que o exemplo que Jesus deu em orar, foi o que despertou o desejo de outros orarem também. Foi justamente quando ele estava

orando que os discípulos lhe pediram que os ensinasse a orar (11.1). Eles haviam visto o que havia sucedido quando Jesus orava; eles haviam visto o que sucedera com João após a sua oração; e eles também desejavam orar. A verdadeira oração pode despertar força e beleza que virá mover os homens, muito mais do que qualquer sermão. Somente aquele que tem o segredo da presença pode fazer com que outros também desejem o segredo da presença.

VII. Duas coisas aconteceram com Jesus quando orava. O Espírito pousou sobre ele enquanto orava, na ocasião do batismo (3.21), e na sua Transfiguração (9.29) a visão surgiu diante de seus olhos. O Espírito descerá somente quando aprendermos aquela passividade sábia que aguarda e aceita em silêncio. No momento da Transfiguração, em sua visão Jesus viu a Moisés, o supremo doador das leis e a Elias, o supremo profeta; e esses supremos homens de Deus do passado, incitaram a Jesus que prosseguisse. Pela oração nos tornamos um com a nuvem invisível de testemunhas que nos circunda. Pela oração, a inspiração do passado nos dá força para o futuro.

VIII. Jesus orava pelos seus amigos, quando sabia que eles iriam enfrentar problemas; ele orou por Pedro quando soube que a fé que este possuía seria provada até o limite e talvez além dele (22.31,32). Se amarmos os nossos amigos, oraremos por eles, como Jesus fez pelos seus, especialmente quando sabemos que eles estão em dificuldades.

IX. E por último, Jesus contou as duas parábolas sobre a oração, a parábola do amigo importuno e a parábola do juiz iníquo (11.5-8; 18.1-8). Não há nos Evangelhos outras duas parábolas que tenham sido interpretadas e usadas tão enormemente quanto estas duas. Uma parábola é alguma coisa posta ao lado de outra, de modo que, pela comparação, o verdadeiro sentido desta possa ser elucidado. Em muitos casos a comparação é feita porque as duas se assemelham; mas nestas duas parábolas, a comparação depende do contraste e não da semelhança. Uma delas conta a respeito do chefe de família que não estava disposto a se levantar a fim de dar ao seu amigo o pão que ele necessitava, mas que, finalmente, premido pela insistência e pela persistência de seu amigo que não se envergonhava em bater à sua porta, foi forçado a se levantar. A outra parábola conta acerca de um juiz famigeradamente iníquo, que foi

compelido a fazer justiça por causa da mera persistência de uma pobre viúva, uma persistência tal que finalmente o abalou.

Muitas vezes estas parábolas são usadas para ensinar a lição da persistência na oração, como a dizer que alcançaremos o que desejamos se martelarmos a Deus por longo tempo. Porém estas duas parábolas não **comparam** Deus a um amigo relutante ou a um juiz injusto; elas o **contrastam** com tais pessoas. Elas dizem: "Se um miserável e relutante chefe de família pode finalmente ser constrangido a dar pão ao seu amigo, e se um juiz iníquo finalmente pode ser constrangido a praticar a justiça, **quanto** mais Deus, nosso pai amoroso, nos dará aquilo que precisamos. Isto é exatamente o que Lucas continua dizendo: "Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, **quanto mais** o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?" (11.9-13). Estas duas parábolas não nos dizem que as dádivas divinas devem ser extraídas após uma insistência que abale a resistência de Deus, mas sim que Deus está mais pronto a nos dar do que nós estamos prontos a lhe pedir.

O que nos ensinam estas duas parábolas?

O Evangelho de Lucas é o evangelho da oração, e é o evangelho para o missionário de Jesus, que também deve ser um homem de oração.

Para um Debate em classe

- 1 — Se as duas parábolas, a do amigo importuno e a do juiz iníquo, realmente ensinam que Deus não precisa ser constrangido a responder à oração, como deveremos encarar as reuniões de oração que são feitas durante a noite toda, e os grandes grupos de pessoas que são organizados para orarem pela mesma finalidade? Pensamos realmente que a extensão e a quantidade da oração irão levar Deus a agir de uma certa maneira? Pensamos realmente que podemos, por assim dizer, exercer certa pressão sobre Deus?
- 2 — Qual é a relação que existe entre as nossas orações e os nossos esforços?
- 3 — Quais são as coisas corretas pelas quais devemos orar, e quais são as coisas pelas quais é errado orar? Será verdade dizer que, às vezes, pela oração, tentamos utilizar a Deus?